

O MAIS HUMANO DOS HERÓIS

Ten-Cel Inf (QEMA) OCTAVIO PEREIRA DA COSTA

Vinte anos depois, ao pensar na FEB e sentir-me outra vez tenente, minha lembrança é a do grande herói que não voltou.

Acompanhei de perto a sua caminhada e servi-lhe muita vez de conselheiro e confidente. Não foi apenas o mais bravo, senão o mais humano dos nossos heróis.

Duas forças pareciam levá-lo para a frente, para o risco, para o sacrifício. A consciência da valia de seu papel na luta da liberdade democrática contra a escravidão nazista — surpreendente no seu nível cultural — e desajustamentos vindos da infância ou do matrimônio. Penso até hoje que o seu destemor tinha um pouco de fuga e muito de idealismo.

Descendente de alemão e de cabocla, repartia entre ela e a filha-toda o seu amor. Nem alto nem baixo, um tanto maduro, moreno bronzeado, tinha olhos claros e resolutos que sabiam encarar. Era paciente, determinado, disciplinado e tenaz como o imigrante, mas independente, afetivo, arguto e desconfiado como um indígena.

* * *

Vi-o em nosso batismo de fogo, naquela madrugada de pânico. Cobia-nos substituir um batalhão rechaçado das encostas do Monte Castelo. Convinha manter aquelas posições de meio caminho, impróprias para a defesa, mas úteis ao nôvo e iminente ataque. Não era dos melhores o moral dos substituídos, chocados com o fracasso, cansados e desanimados. Também não era boa a tropa que chegava: pouco instruída, sem coesão e heterogênea em seus quadros. A aproximação do inverno, a mística da inexpugnabilidade do morro e a hábil campanha psicológica agravavam as circunstâncias. Aquilo não foi uma substituição, mas a transfusão do terror.

Sucedeu que os nazistas perceberam a mudança, sentiram o soldado bisonho e resolveram desmoralizá-lo antes que chegássemos a atacá-los. Desde o anoitecer, nos inquietaram com fogos, com patrulhas e com infiltrações.

A inexperiência levou-nos a fuzilaria tumultuada que atraía a resposta certa. Começava a faltar munição e caíam os primeiros feridos. Lamentavelmente, a montagem dos postos de remuniamento

e de saúde fôra retardada por um acidente com as viaturas. Wolff cobriu-lhes a falta com exemplar empenho. Vejo-o ainda, com uns poucos homens, carregando munições para as posições avançadas e retornando com feridos. Vejo-o, depois do batalhão retirado da frente, esmagado sob o péso do desastre coletivo. E mais ainda pela chacota dos pracinhas das outras unidades, na alusão carnavalesca aos "Laurindos que desceram o morro."

• • •

Acompanhei-o outra vez quando o velho Mascarenhas decidiu que é no combate que uma tropa se recupera do infortúnio. Estávamos entrincheirados pelas bandas do casario de Bombiana, face a face com o Castelo e o lugarejo de Abetaia. Enquanto preparávamos outro ataque, Tenentes, Sargentos e Soldados da têmpera do Wolff, patrulhavam a terra de ninguém e o interior das linhas nazistas, vigiando, fazendo prisioneiros e colhendo informações.

Entre Abetaia e Bombiana, mais para lá, tínhamos um pôsto avançado que sòmente à noite se guarnecia. De tão temido, chamavam-no o "grupo da paúra". Como a missão fôsse realmente dura, julgou o comandante não devesse ser confiada sempre à mesma guarnição. No rodízio, chegou a vez de um Sargento Bonfim, que se negou a cumpri-la. Advertido, ameaçado e incapacitado de qualquer reação, disse que poderiam prendê-lo, julgá-lo, condená-lo e até mesmo fuzilá-lo, mas não iria para aquêlo inferno.

O Major, perplexo e indignado diante da pusilamidade, teve estranha inspiração. Chamou o Wolff e ordenou-lhe conduzisse o grupo a seu pôsto, levando também o Bonfim, com a recomendação de eliminar o primeiro que tentasse voltar. Foram de gelar o sangue a inflexibilidade da ordem e a frieza do acatamento.

E se enfiaram todos na noite angustiosa e triste, que se fizera mais noite, mais triste e mais angustiosa. Pouco tempo depois — uma eternidade na minha expectativa — voltavam os dois sòzinhos, espancando-nos a inesperada convicção: "Seu Major, vim dizer-lhe que hoje aprendi a ser realmente um homem, um homem como o Wolff. E para provar, peço que me mande tôdas as noites para o "grupo da paúra".

• • •

Chegou, finalmente, a ordem para o nôvo ataque ao Castelo. Nosso batalhão cobriria o flanco da ação principal, conquistando Abetaia e Falfare. O pracinha aprendera mais, na dura escola da guerra, do que em longos estágios de instrução. Mas não se curara de todo. Três dos nossos Capitães haviam sido afastados e, com oa FEB ainda não dispusesse de núcleo de recompletamento, dois dêles foram substi-

tuidos pelo Bueno e pelo Meira Matos, ajudantes-de-ordens dos Generais Zenóbio e Mascarenhas. Não sei de missão mais difícil que essa de conduzir ao ataque uma companhia traumatizada e chocada, de homens que deploravam o afastamento de seus Capitães, de Soldados que não tinham preparado e nem mesmo conheciam. Pois eles honraram a confiança como poucos poderiam tê-lo feito.

O Bueno era um velho Capitão cheirando a Major, a quem já faltava vigor físico e sobrava valor moral. Deveria conquistar Abetaia, o objetivo mais importante do batalhão. Nos dias e noites da espera não descansou, empenhado em providências e em cuidados com os seus homens.

Deveríamos desembocar da linha de partida, sem preparação de artilharia, sem blindados e sem apoio aéreo, na tentativa de surpreender os defensores de Monte Castelo com a progressão silenciosa e o assalto decisivo da infantaria. Desgraçadamente, os nazistas souberam do plano brasileiro e à hora em que a unidade da ação principal se aprestava para partir, sofreu maciço bombardeio, que lhe custou muito sangue e a desorganização de suas fileiras. O insucesso prematuro deixava em ponta, com os flancos descobertos, os batalhões vizinhos, que pagariam outra vez o preço do domínio das posições alemãs. A êle se juntariam também a lama e o frio daquele 12 de dezembro, roubando ao pracinha as grandes armas da velocidade, da capacidade de iniciativa e de improvisação.

Pelo meio da tarde, o ataque estava irremediavelmente fracassado e o morro sinistro parecia invencível como nunca. Tratava-se de retrair para as posições iniciais, sob a proteção de cortinas de fumaça e, depois, da escuridão.

Por volta das dez da noite, podíamos pesar as nossas perdas. Da companhia que investira Abetaia, entre tantos, faltavam o comandante e o subcomandante. Era certo que êste caíra prisioneiro. O Bueno fôra visto assaltando as posições nazistas, à frente de seus homens. Uma rajada de metralhadora o atingira, arrebentando sobre si próprio a granada cujo lançamento preparava.

Ciente de que o seu ajudante morrem em combate, o General Zenóbio sofreu um grande abalo e empenhou um Coronel de seu estado-maior na recuperação do corpo do amigo. Cerca de meia-noite, chegou ao nosso posto de comando. O Major mostrou-lhe a dificuldade da empresa, que custaria novas vidas. Disse que só existia um homem em condições de tentá-la: o Sargento Wolff, pela coragem invulgar e pelo conhecimento do terreno, por êle palmilhado tantas vêzes. Mandou chamá-lo, mas não foi encontrado em parte alguma. Madrugada alta, quando o emissário do General quase desistia, localizou-se, afinal, o Sargento. Vinha com dois soldados padioleiros, pareciam exaustos e amargurados, mas era o mesmo herói humano que eu já pudera conhecer.

“— Wolff, a recuperação do corpo do Capitão Bueno é questão de honra para o General Zenóbio e todos nós sabemos que você é o homem capaz de buscá-lo.”

“— Coronel, diga ao General que, desde o anoitecer, eu e estes dois padioleiros estamos indo e vindo, trazendo feridos. Continuaremos até que amanheça e enquanto suportarem as nossas forças. Se, numa dessas viagens, encontrarmos o corpo do Capitão, nós o traremos também”.

Voltou a guiar os padioleiros na santa missão. Não chegou a encontrar o Bueno, mas o Soldado que o vira cair e tentara arrastá-lo, não conseguindo dormir só de pensar que ainda pudesse estar vivo, voltou e, penosamente, o localizou e carregou até Bombiana, com o fiapo de vida que duraria alguns anos mais.

* * *

O frio e a neve do rigoroso inverno imobilizariam as operações, adiando por dois meses a conquista de Monte Castelo. Longe de agravar a situação dos expedicionários, marcaria a recuperação total dos insucessos do vale do pequeno rio Reno. O extraordinário poder de adaptação do homem brasileiro e a escola de heroísmo — que foi a patrulha — fizeram o milagre de consolidar a capacidade combativa do nosso soldado. Nesse período, nas anônimas epopéias de todas as noites, afirmou-se ainda mais o caráter do Sargento Wolff.

Terminado o degêlo, a FEB, agora do lado da notável 10ª Divisão de Montanha, empreenderia novos ataques, com que o IV Corpo preparava a ofensiva da primavera. Caberia ao Regimento Sampaio a honra de vencer o tabu de Monte Castelo e, logo depois, os 6º e 11º Regimentos, em brilhante manobra, conquistariam os baluartes nazistas de Soprassasso e Castelnuovo. Wolff formou entre os bravos da vitória da Castelnuovo.

* * *

Esses êxitos assegurariam à divisão brasileira a posse de melhores posições, debruçando-se sobre o rio Panaro e encarando o maciço de Montese, indispensável a quem se dispusesse a retomar o avanço sobre o vale do Pó. As operações aí se deteriam ainda por cerca de um mês, em nova defensiva agressiva, até que fôsse possível realizar o avanço que seria a sorte dos nazistas na península.

Nosso batalhão, com outro comandante e renovado em seus quadros, encontraria aí sua total recuperação. As constantes missões de patrulhas e golpes-de-mão levaram o Major a especializar um pelotão de homens de elevado espírito ofensivo, mantido à retaguarda, fora da rotina da defesa, e destinado tão-somente a ações de choque. Selecionaram-se os mais valentes de cada companhia, sob as ordens do

Wolff, que deveria ascender ao oficialato por atos de bravura. Nesse comando, Max Wolff Filho comprovou as excepcionais qualidades de liderança, que haveriam de torná-lo o ídolo de seus homens e de conduzi-los às ações mais heróicas.

Na iminência do desencadeamento da ofensiva, os nazistas ficaram surpreendentemente silenciosos e inativos. Durante dias, a artilharia e os morteiros não davam um só tiro. Nosso observatório — o mais bombardeado de todo o setor brasileiro — estava totalmente impune. À noite, as patrulhas transitavam livremente pela terra de ninguém e pelas primeiras linhas alemãs. Ter-se-iam retirado e nos contido com fracos destacamentos retardadores? Era a angustiada conjectura que faziam os estados-maiores às vésperas da ofensiva, em que nos tocaria atacar o bastião de Montese. Se isso fôsse verdadeiro, o ataque cairia no vazio e perderíamos o contato com o inimigo, que estaria livre para nós surpreender em outro lugar. Daí porque o comando da FEB determinou a cada batalhão enviasse duas patrulhas diurnas a pontos onde a reação costumava ser violenta. Procurariam fazer prisioneiros e colher informações úteis para o ataque do dia seguinte, ou ocuparia as posições abandonadas, iniciando uma possível retomada do contacto.

Em nossa frente, o ponto cotado 747 era o acidente capital. Sobre ele marcharia o pelotão do Wolff.

A ação à luz do dia, inteiramente vista de excelente observatório, atraiu cinegrafistas e correspondentes de guerra. Filmaram-se os preparativos e entrevistaram-se os patrulhadores. A inação estimulava uma perigosa indisciplina de movimentos.

Estive com o Wolff até quando partiu para a sua última missão. Fiz-lhe ver que o silêncio significava uma rígida economia de munição e que, no momento oportuno, os nazistas se oporiam violentamente aos nossos intentos. Aconselhei-o a que fôsse mais precavido do que nunca, pois o reconhecimento seria à luz do dia. Desgraçadamente, tudo foi em vão. Pensó que se convencera da hipótese da retirada inimiga, pois fui vê-lo progredindo, de pé, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre os ombros, como uma reluzente cruz de Santo André, servindo de referência para os que teriam de alvejá-lo. Vejo-o alcançar o têrço superior da elevação que era o seu objetivo e em cujo tópo havia uma casa. Até ali o terreno era coberto pela vegetação, havia uma cerca e depois, para cima, uma zona limpa e arada. Vimo-lo deixar os companheiros na vegetação, transpor a cerca e avançar para o alto. Deixaram que chegasse bem perto e quando não era possível errar, mandaram uma sarivada de tiros de metralhadora. O grande herói caiu por sobre o ventre perfurado. A meu lado, Joel da Silveira assistira a tudo, estarrecido, para mais tarde escrever a sua mais bela crônica de guerra.

O esforço para trazê-lo de volta foi o maior exemplo de solidariedade a que já assisti. A rajada desencadeou o inferno de fogo. A patrulha assestou uma metralhadora junto à cêrca, tentando neutralizar a arma dos nazistas, enquanto dois homens rastejavam puxando o corpo do chefe pelas pernas. Um dêles ali ficou, mas veio outro. Junto à cêrca, certificaram-se de que morrerá. Já havia mortos e feridos. Lembro-me bem de quando um soldado baixo e franzino lançou o corpo às costas e se pôs a correr por entre os projetis que chamuscavam o terreno. Adiante, morto e vivo — êste não sei se apenas exausto — caíram numa cratera.

Examinou o herói, ajeitou-lhe o uniforme, colocou-lhe o capacete, acomodou-o no buraco e começou a rastejar de volta. Do observatório, procurávamos ajudar a artilharia a facilitar, com seus fogos fumígenos e de neutralização, o difícil retôrno da patrulha. À noite, como tivessem sido inúteis as buscas dos padioleiros, os homens do pelotão quase se insubordinaram no afã de recuperar o corpo do companheiro. O major fêz-lhes ver que amanhã começaria a grande ofensiva e que o nosso dever era a conquista de Montesè.

• • •

Eles foram, de fato, alguns dos artífices dessa notável vitória — a mais sangrenta e difícil das armas brasileiras na Itália. Conquistando aquêle baluarte, haveriam de dizer, finalmente, que o “Laurindo subiu o morro”.

Mas faltava o grande herói que não voltou. O que não viu Montese. A arremetida para o Pó. A perseguição e o cêrco. A rendição de Fornovo. O abraço aos franceses nas fronteiras da França e da Suíça. A vitória da causa da liberdade. A redemocratização de sua pátria.

Faltava o grande herói, de quem não se conseguiu recuperar o corpo. O corpo que, generosamente, carregara tantos outros.

VOCE QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para **A DEFESA NACIONAL**, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCE.